

Eu Caim

Daniel de Brito

*“Rasgou a faixa com toda a fúria,
Pegou as fotos antigas de sorrisos vazios e as atirou para o alto como quem grita
Toma! Toma o que é teu, esse não sou eu, leva, leva para longe, esquece-me a
existência, apaga o que escreveram ao meu respeito e me permita existir!”*



Caim e Abel — pintura de Giovanni Domenico Ferretti.



São 3 horas da madrugada, levanto-me para beber um copo de água. Na volta lembro-me do meu dia, dos meus questionamentos, e penso: “Melhor não dar lugar a essas coisas da carne, dos desejos”... Mas olho ao pé da cama: lá está ele, aquela figura que sempre me acompanha, noite após noite... insônia após insônia. Não o suporto mais.

– Aparta de mim, maldito! (Grito para ele.)

{Risos}

– Tu achas que és tão especial assim que eu escolheria, se me fosse dado escolher, estar aqui contigo?

(Com uma voz irônica ele se atrevia a direcionar aquelas palavras para mim!)

– Jesus! O diabo veio me atormentar mais uma vez! Me dê forças, pai!

Sai, em nome do que é!

(Usei toda a minha fé, para não dizer “desespero”, diante daquela imagem sombria.)

– Calma, é incrível como aos 23 anos você não consegue mesmo resolver seus próprios problemas, tem até que pedir apoio divinal.

Hahaha...



Não sou novidade para ti, Gabriel, tu sabes bem que sempre venho, sempre estou aqui, mas como de costume ignoras a mim. Não podes, Gabriel, fingir em nome da mediocridade uma vida sem sal, afinal... não foi o redentor que disse “Vós sois o Sal do mundo”? Se bem que está mais para SORO.

– Maldição! Além de irritante também tu és arrogante, que fizemos pois para merecermos olhar um para o rosto um do outro, toda noite? Já não basta o café amargo que tomo pela manhã, agora minha solidão nem terei mais eu direito a ela? Viverei essa amargura de tê-lo em meu quarto, lendo meus livros, e, ainda por cima, tu deixas a toalha na cama!

– Aiai Gabriel, como tu me cansas, parece até que ganhas algo com isso, murmuras em vez de seres grato por minha presença, sou o deus da dúvida, atormentei muita gente, cada tormenta foi, na verdade, uma libertação, alguns enlouqueceram, outros se atiraram de prédios, tomaram veneno, cortaram os pulsos ou se enforcaram no quarto.

– Então tu vens me matar, maldito? Saia de perto de mim, não fui honesto com o troco do pão para merecer isso, não contei a verdade aos meus pais para morrer assim, não dei meu dízimo no domingo de páscoa para diante da cruz divina tirar minha vida e queimar no inferno.

– Aiai Gabriel... Gabriel, que saco! Sinto dizer, mas não sou uma boa plateia para ti, deixe de teu drama fútil e juvenil, teu tempo é curto para isso, veja a beleza desse momento, são 3:00 da madrugada, o mundo dorme exausto enquanto te acordo para ser minha companhia. – Qual o teu nome?

(Silêncio)



– Qual o teu nome?

(Silêncio)

– Maldito desalmado, me responde! Qual o teu nome?!

– Gabriel, não posso te dizer o meu nome ainda, é cedo e tu és imaturo para isso.

– Como posso confiar em algo que nem se nomeia? Se de tão covardes esconde-me quem tu és?

– Gabriel, te direi pois... meu nome será teu último suspiro.

– Então estou diante do meu próprio assassino, não é mesmo? Criatura vinda dos covis das trevas, deserdado no inferno, te chamarei, pois, de Caim, porque és traiçoeiro. Tu, que pretende matar-me, deves ter inveja de mim, que sou um homem de Deus; és feio como o diabo, devo ter xingado a Santa Cruz para merecer isso.

– Se vamos brincar de personagens, aceito o desafio, me chame de Caim. Vamos Gabriel, me provoque, faça de mim um gênio da lâmpada mágica, mas não posso atender aos teus desejos materiais tolos, posso sanar dúvidas (ou piorá-las) a respeito de ti e de qualquer outra coisa, arrisque... pergunte.

– Isso é uma ilusão, devo ficar louco em conversar com um homem desconhecido, sarcástico, arrogante, prepotente e que insiste em provocar-me, tu queres mesmo abalar a minha fé? Desculpe, não há espaço para nós dois nesse quarto escuro.



– Como podes ter tanta certeza e confiar tanto em tua fé? Até Jó teve sua vida arrasada como praga no Egito para ser aposta entre Deus e o diabo, um verdadeiro passatempo divino, mas com certeza... Tu não és melhor que Jó, só te ofereço perguntas e nem as tem coragem de fazê-las porque o conforto da indiferença é sempre agradável, fechas os olhos para si mesmo diante do espelho, mas, no fundo, a insegurança te atormenta, não é mesmo? Preferes mais uma noite me ignorar ao pé de tua cama, virar para a parede e dormir, não há como esperar algo a mais de ti, apenas adubo para as plantas e comida para vermes. Arrisco em dizer que és tão conformado que preferes a imagem da perfeição divina, quando as dúvidas, as angústias, os desconfortos te perseguem mais do que quem deve ao agiota, na verdade... tu deves, tu deves a ti mesmo...

Medroso...

(Com aquela voz que parecia de serpente acentuando o “s”, ele se despediu enquanto juntava-se à escuridão do meu quarto.)

Medroso...

Medroso...

M

E

D



R

O

S

O

.

.

.

– ESPERE!!!

(Gritei.)

Aquela figura estranha foi ressurgindo das sombras...

– Corajosos e covardes compartilham do mesmo sentimento, o “medo”, no entanto, só os covardes ficam calados como presas esperando o bote do predador.

– Certo, então vamos brincar nessa tua loucura, “Caim”. Te provarei que embora esteja com medo de ti, eu sou cabra macho e não vou me acovardar diante de uma criatura das trevas, bicho peçonhento que se acha astuto, mas não abalarás minha fé no criador ou na santa igreja e nem causarás nenhuma mudança em mim, muito menos me matarás se é o que tu esperas, serei, pois, prova entre o céu e a terra de quão fiel às escrituras um



homem pode ser, mesmo em meio a tentação. Diga-me, por que mataste teu irmão “Abel”?

– Hahaha!

– Vamos, para de brincadeira e sarcasmo, me responda já que me provocaste tanto, não tem coragem mais de seguir adiante? Quem é o verdadeiro covarde então?

(Interrompe-se o riso.)

– Não queria matá-lo, Abel era tão doce, sempre cuidando de suas ovelhas como se fossem filhas pequeninas, Abel as amava mais que a mim, eu não entendia como uma ovelha fedida e cheia de carrapatos arrancava tanto carinho de Abel, como eu suspirava arrancar.

– Credo, profanação das santas Escrituras, não pode um homem desejar a outro homem, nem tão pouco sendo seu próprio irmão, contudo, tu dizes que o amava, então por que o matastes?

– Eu não aguentei ver a desgraça em que Abel se tornou, ofertou naquele altar sua mais preciosa ovelha. Depois desse dia, Abel já não era o mesmo, havia um vazio em seus olhos que outrora eram tão vivos, tão inocentes, olhos de quem não conhecia a morte; o questionei, “por que não recuastes a matá-la, por que precisavas provar tua fé sacrificando o teu amor?” Mas Abel me falava que era preciso em nome da redenção do homem, nosso pai Adão, uma redenção necessária, da que não tivemos direito a participar inicialmente de sua causa.



– Nossa, que nojo tenho de ti, como tiveste a coragem de tirar a vida do teu irmão amado por causa da morte de uma ovelha infeliz?

– Primeiro a ovelha, depois quem seria, se o seu amor maior era naquele pobre animal de olhos meigos e de pelo branco macio como as nuvens que parecem sonhos, dadas ao homem sonhar, mas não alcançar? Na nossa última discussão, ele estava cego, foi arrancado o que enchia sua vida de felicidade em nome de sua fé, quanto tempo duraria para que ele tirasse minha vida que era menor que de uma ovelha? Logo eu que sempre fui perdido, que sentia meus instintos aflorarem entre minhas pernas desde pequeno, queria arrancar de mim a mim mesmo se possível, logo eu, que no banho de rio engolia seco a imagem e semelhança do próprio Deus que era Abel despido de peles de animais. Aquela nudez de pele escura de tom um pouco mais avermelhada e que contrastava com a minha que não era tão rica de presença e vitalidade, aquelas pernas torneadas que irresistivelmente eu tinha desejo em mordê-las em suas curvas enquanto subia ao bumbum que se encaixaria perfeitamente em meu quadril em um movimento repetitivo enquanto eu poderia mostrar todo o meu lado sacana ao pé de sua orelha e apertar seu pescoço como um dono domando animal selvagem.

– Tu só podes ser um enfermo nos pensamentos com ideias torpes, um imoral! Poderia tudo ter sido diferente, tu poderias estar diferente hoje e bem melhor! Além do mais, infeliz, não me perturbarias todas as noites! Imoral! Sujo! Imoral!

– Gabriel, se tu engoles tudo o que sentes, no final acabas afogado em lepras de amarguras. Perceba, ao homem sempre foi ofertado o limite em bandeja, sempre foi proibido cobiçar a mulher do próximo, no entanto o homem não é um poço de virtudes perfeitas e ideais, ele mente, ele rouba, ele mata... e cobiça tão certo como deita e dorme. Não é ofensivo pensar que Sete tenha tomado sua irmã como mulher, mas o amor entre homens te incomoda tanto; o que escondes?



– Não sei quem tu és de fato, me angustia pensar que podes ser criação de minha cabeça, pensar que te criei, devo pecar contra Deus... Desonra para minha família... ou estou ficando louco!

– Entre a sanidade e a loucura, Gabriel, escolha viver. Não importa o nome que você dê a mim, posso entrar facilmente em qualquer personagem de forma que só em tu imaginares seria perturbador para teus dogmas celestiais; não importa o que você acredite ou faça para me manter longe de ti, sou como a sombra que tu carregas contigo para o mundo, e nem adianta postar aquela foto com um sorriso meio amarelo usando hashtag's para dizer o quanto és feliz, como aquela comida foi boa, ou aquele lugar é maravilhoso, aquelas pessoas são seus amigos ou como o culto de domingo foi abençoado. O mundo gira, Gabriel, nesses giros, giro perto de ti, nesses giros... voltas ao mesmo ponto diversas vezes, as solidões diante das paredes do teu quarto testemunham o teu vazio, tua angústia de sempre evitar-me, voltas sempre ao mesmo ponto, onde as certezas são o teu conforto.

Eu te pergunto, embora já abstraia a resposta, quem é Deus? Conte-me uma versão bondosa de Papai Noel invisível, afinal é tão onipresente que entrega à meia-noite ao mesmo tempo e em diferentes lugares para meninos bonzinhos presentes, recompensas como verdadeiros biscoitos para cachorrinhos adestrados, dá a patinha dá...

– Eu tenho pena de ti, queimarás no inferno enquanto caminho ao som de louvores angelicais nas ruas de puro ouro do paraíso, quer realmente saber quem é Deus? Deus é o conceito mais lindo que alguém já escreveu sobre o amor, e mesmo assim não conseguiu se aproximar da real natureza divina, sabe por quê?

(Silêncio)



Porque foge à nossa pequena razão pensar em Deus, Deus é o belo propriamente dito, talvez uma visão platônica, mas Deus são as borboletas no meio do caminho mais sombrio de nossa existência, Deus é a razão pura, Deus é origem, meio e fim de tudo, Deus é morte e vida.

– Quase que Severina!

(Ironicamente ele falou)

– Deus é o tempo e sua relatividade atemporal.

– Nossa, invejosos dirão que Einstein consultava o google divino.

– Cala-te!

– Desculpe-me atrapalhar, por favor, prossiga... estou adorando tanta certeza.

– Enfim, Deus é, enquanto nós apenas estamos. Sobre meu relacionamento com Deus, digamos que está em construção, não é perfeito, mas embora eu tenha muito o que refletir sobre minha existência, eu amo pensar que Deus é amor e nenhuma possível definição filosófica poderá para mim trazer tanto brilho como essa.

“Deus é amor”

{PLÁ! PLÁ! PLÁ!}



– Palmas! Palmas! Palmas!

Diante de tudo isso, só posso dizer que tu és um medíocre, e serve a si mesmo, tu és o teu senhor, buscas o Deus que o teu “Eu interno” aspira buscar, como um imigrante, vindo de sua pátria, se aventura em terras desconhecidas, mas ao relento da noite suspira de amores pela amada que deixou, mas não a encontras na bíblia, embora gostes, como um medíocre que és, peneirar o que te conforta, um livro de autoajuda e prosperidade para vencedores. Me pego questionando como um ser tão perfeito e complexo caberia suprimido por editoras entre páginas de apenas um livro? Disputaria ele lugar entre as descendências de Sem, Cam e Jafé? Não, já sei, ele é tão perfeito que precisou ser adaptada a sua “palavra” para a mulher, o adolescente e a criança. . Diversos gostos, para um mercado diverso.

Aiai... uma verdadeira ética protestante do capitalismo, ou, mesmo perfeito, teria ele se arrependido da existência do homem? Esse Deus bipolar entre velho e novo testamento, que abandona e resgata a sua criação, que faz o homem nascer já condenado negando a ele um ponto neutro para tomar suas decisões como a ideia que é vendida a respeito do livre arbítrio, esse Deus não me seduz. Não consegui comprar essa campanha de Marketing, talvez se além de teologia online os pastores fizessem também publicidade, quem sabe.... Gabriel, até quando terás medo de subir mais alto? Queres uma vida longa, então seja um covarde, covardes são espertos, não se arriscam por nada e nem por ninguém, vivem no rabo da saia de suas mães ou esposas. A vida inteira tem apenas um dia, esse único dia nunca esteve no passado, esse dia não virá como nas datas cristãs que anualmente redimem os pecados do mundo, tua vida é estar agora nesse quarto de madrugada a conversar comigo, todas as tuas escolhas que seguiam o manual de sua comunidade não passam de códigos de convivência, mas, nesse exato momento, não precisas ter pudor.



Não sou eu um pastor e nem padre para que caias na desgraça da disciplina moral por almejar um pequeno instante entre o primeiro e último suspiro, o prazer da mortalidade. Corres como um louco para estares presente de segunda a segunda em tua igreja, acreditas fielmente que fazes algo único e importante, mas esquece-te que antes de ti ninguém lembra da história dos que vieram, muito raramente seus nomes, são apenas mais outros fiéis que como tu abriram mão de suas próprias vidas e assim, como eles, tu também te tornarás mais um esquecido. O tempo cairá sobre ti como uma tonelada a te esmagar, tua pele jovem se tornará flácida, tua visão em neblina e teus ossos ruirão, continuarás na tua agonia de seres notado achando que fazes algum serviço de entrega ao divino, uma espécie de “correio terceirizado”, já que a onipresença, onisciência e principalmente onipotência de Deus não estão mais dando conta de comandar a vida e precisam dos seus soldadinhos cabeça de papel para essa difícil missão. Tu tiveste a chance de fazer algo bom e diferente, ajudar tanta gente, mais que uma congregação, trazer boas novas de um tempo de amor, paz, respeito e união.

Me diz, oh querido irmão, o que você fez quando apontaram aqueles LGBT's? De ilusão, a passabilidade te devorou aos poucos, e a insegurança soube se vestir bem com o conforto dos elogios, transformando o teu ego na consciência amiga e a tua hipocrisia em uma nova moral. Agora, como anjo caído, venho ao pé da tua cama onde despido te vejo por completo; mais que voz, pelos ou força, a tua cólica será devastadora, sangrarás não pelo teu corpo como outrora, mas pelo teu coração, e os levíticos serão para ti como as náuseas são para os aventureiros de primeira viagem: a cada versículo, a tua Este é, pois, o sinal de Caim que o seguia em qualquer lugar, a amargura. E apesar dessa tua passabilidade cisnormativa, não foste homem de verdade quando comprastes o preconceito com os teus, em uma suposta salvação, em um suposto “nome de Deus”.

– Como podes ter tanta certeza de quem sou? Ou que fiz?

– Vós perguntastes meu nome, pois bem, sou o teu cobertor, o travesseiro onde deitas a tua cabeça, o frio de teus pés, sou tua imagem que reflete quando passas, sou teu melhor e pior amigo, sou teu passado, presente e futuro, sou eu, sou teu, sou tu Gabriel.



– Você sou eu? Eu sou você? Mas como?!

– Sim, somos a mesma pessoa, sou teu eu abafado, escanteado e esquecido, venho aqui toda noite lembrar-te de ti mesmo, como um fantasma condenado, preso a ti, para que possas livrar-te dessa manta com que escondes a tua natureza. Vim como imagem de tua própria corrupção.

– Eu sou Homem e só isso importa agora, nunca fui corrupto em minha vida, sempre paguei honestamente meus impostos ao governo golpista.

– Sim, isso importa Gabriel, mas não é tudo, o conforto de se sentir “aceito” em uma comunidade que não sabe tua origem te fez aceitar até as mais absurdas doutrinas em nome de um tal “sujeito de bem” que você encontrou e se encantou, raso, mas o que te faz homem não é o teu corpo, mas a tua palavra, tua honra, honre a si mesmo, porque no final só sobrarão isso, teu corpo apodrecerá debaixo da terra, o que não fizestes quando deitavas com os discursos vulgares daqueles que condenavam ao fogo teus irmãos e irmãs de luta. Corrupção é mais que apenas um ato, é a deslealdade para com quem foi leal a você, ser desleal não quer dizer o beijo, a mentira, o sexo... ser desleal quer dizer a desproporção das emoções e valores envolvidos com dois pesos diferentes para as mesmas palavras. Então, meu amigo, ser corrupto é, antes de tudo, a pura injustiça de sentimentos apostados em um laço abstrato que se revelam no contrato de fazer ou não fazer. O sorriso que valeria 20 centavos, mas você usou 25 centavos para pagá-lo, também foi desleal com o seu real valor, mesmo que ao olho nu pareça um ato de bondade, a entrega do que não lhe cabe substancialmente é negar a própria natureza de forma consciente, toda medida desproporcional torna-se exagero, enquanto faltaria em algum momento o necessário de 5 centavos para outro sorriso. Esse é, portanto, o princípio de toda a corrupção, o desvio do real valor.

– Eu não entendo o sentido disso.



– Nosso instinto de justiça, quando puro e imaculado em seu seio natural, aflorará em questões cotidianas dando respostas óbvias, mas uma vez desviado o seu real valor através dos hábitos e da cultura, nos preocupamos com a legalidade em detrimento ao sentimento de justiça, que é inerente a humanidade logo, o que antes era tão certo como responder que $2+2=4$, pensamos se é permitido socialmente somar dois números iguais para obter o resultado o qual sabemos ser possível. Foi isso Gabriel que você fez, engolindo o que sentia ser justo, duvidando da tua própria consciência diante de tudo o que você já passou em sua vida para silenciar apoiando aquilo que no fundo tu sabias que era contra si mesmo, ou seja, desvirtuando o real valor de tuas marcas e de tua história em nome do padrão daquela comunidade.

– Fiz o que era necessário para ter paz, para ter uma vida normal sem ser perseguido, podendo professar a minha fé em Cristo.

– Não, seguistes aos homens, não a Cristo, o teu silêncio diante da injustiça não é a paz, a paz em cristo é distante da falta de coragem, e tu por covardia e medo te escondeste.

– E tu querias que eu fizesse o quê?! Revelasse ao mundo quem sou e colocasse em risco tudo o que consegui? Vim de uma família religiosa que menosprezava travestis, viados, sapatão e tudo o que eles consideravam como aquilo que “não presta”; agora, com a passabilidade cis, posso reconstruir uma nova vida, onde sou aceito em qualquer lugar, até dentro da comunidade que um dia me rejeitou, não entendes que para mim não há mais jeito? Talvez me seja melhor cortar-me os pulsos e desistir de carregar essa coleira no pescoço que sufocava minha alma.

– Há jeito sim, Gabriel, livra-te das tuas amarras, liberta-te com a verdade, tu não precisas te expor, mas mostra-te como és e o que pensas e em que acreditas, larga mão dessa vaidade de ponta cega que só te fere, se tu amas a Cristo, mire em Cristo, Gabriel, Cristo é a chave para que possas conseguir, o que tu pensas que ele faria ou falaria para ti? Achas mesmo que a corrupção é algo reservado para políticos? A corrupção é a



enfermidade da humanidade, ela suja a alma do mais humilde entre os homens, não negocie seus valores, não se venda por tão pouco, seja homem, Gabriel!

Naquele momento, fez-se silêncio no quarto, não sabia mais o que falar diante de mim mesmo;

Gabriel que surgiu como invasor em meu quarto estava certo, um mal-estar pairava sobre meu peito, lembrei-me de todas as reuniões em que ouvi calado coisas que falavam até contra mim sem nunca ter dito nada, pensei em todo o esforço para diminuir cada característica que me assombrava e me perseguia como algo ligado ao meu passado, e como foi doloroso ser tratado diferente quando parecia diferente. Abri minha gaveta do criado mudo, lá estava uma tesoura velha e enferrujada que sempre usava,

respirei fundo e disse:

– Eu não posso mais prosseguir adiante com isso, tu foste mais meu amigo nessa noite do que muitos em tantos anos, me entendes tão bem que já sabias o desfecho dessa tragédia, eu não aguento mais...Livrai-me Deus de cair na mediocridade de uma vida tão normal...Aprisionei por tanto tempo meus demônios que hoje o paraíso não me faz sentido algum, o brilho das ruas celestiais está ofuscado, não quero mais matar-me diariamente em busca de um sonho sonhado por outros, tantos pontos que repetidamente voltam como ânsia de vômito que sobe a boca e desce, tanta solidão registrada nessas paredes amarelas como amarelo é o teu sorriso, meu Eu sempre de passagem, almejando apenas um bom café e uma boa cama para descansar em mim.

No entanto, fui covarde em tantas vezes que me escondia nas certezas rasas de discursos tolos, clamores e mãos para o alto, um eco de minha própria voz que encontrava o vazio do meu quarto nas madrugadas e que voltava apenas para mim... Cometi muitas injustiças, como um político envolvido em escândalos



fui também corrupto, minha corrupção começou de fato quando desviei-me de mim mesmo, esqueci minhas paixões e as palavras que faziam a minha pele ferver, pisei em minha humanidade como se fosse eu um observador de fora da própria natureza a contemplá-la e julgá-la como um quase deus, agora, começo a me entender...

– Tu mudaste de cidade esperando recomeçar em outro lugar, esperando esconder a todos tua origem, teu passado, quem tu és... Assististe ao sofrimento de muitos que passavam pelo mesmo que tu passaste, mas, como de costume, te escondeste atrás de uma passabilidade cisgênera perfeita e tampaste teus ouvidos para o clamor dos outros, assim como clamas aos céus desesperadamente por salvação. Agora o que posso dizer? Infelizmente tu vais morrer, é por isso que venho a ti, venho te avisar que não és eterno, Gabriel, e mais cedo do que imaginas tua hora bate à porta, é uma pena... tantas possibilidades frustradas, tua morte é uma grande perda, mas como é dito popularmente... basta estar vivo para morrer.

– Não, Caim, quer dizer, Gabriel, a morte não é a maior perda da vida.

– Ah não? Então conte-me qual é a maior perda da vida!

– A maior perda da vida são as estrelas que se apagam em nós, cada infinito universo devorado pela escuridão enquanto continuamos vivendo.

– Nesse momento, estás mais perto de ti mesmo que outrora quando começamos a conversar, nos tornamos mais íntimos que posso te dizer, que vós me surpreendeis, Gabriel, mas não esqueçais, ainda há jeito...

Para mim não conseguiria encarar mais uma vez em minha vida o peso daqueles olhares, uma construção de anos e anos, um passado que criei para esconder tanta coisa ao meu respeito; Caim, quer dizer, Gabriel estava certo em tantas coisas, mas eu não



saberia se ele estaria certo quanto a isso, não sei se haveria jeito, segurei aquela tesoura com minhas mãos, cortei meus pulsos.

– Esse não é o caminho, Gabriel, ainda há tempo, reconquiste-se e examine-se no mais profundo e escondido de sua alma, quem almeja ser o que não é acaba tornando-se pior do que é, portanto, busque a si mesmo, a tua essência além de toda essa nuvem que veio sobre ti como uma manta pesada.

“A consciência da finitude é o pressuposto essencial para a verdadeira liberdade.”

(Ao se afastar, Ca...briel sujou seus dedos com meu sangue e desenhou na parede amarela do meu quarto)

" S|E|U
E|C|O
U|O|Ç|A
|A "

No mais rapidamente daquele momento, enquanto a imagem ao redor escurecia, ficando apenas gravado aquele desenho em minha memória, perdia a força, e como sussurro ouvia a frase daquela representação.

“Seu eco ouça”



Abri meus olhos e era de manhã, o sol batia no meu rosto, levantei assustado olhando o meu corpo procurando os cortes, mas não havia nada ali. Olhei ao redor e estava tudo no mesmo lugar de sempre, não havia sangue e nem desenho em minha parede.

O despertador tocara, estava na hora de seguir a vida, mas não era mais o mesmo que seguiria ela, algo estava diferente, eu estava diferente, eu era Caim.

(Recife, 05 de Junho de 2018)

Conto retirado de: Brito, Daniel

Vagamente/Daniel Brito. – 1ª ed. – Brasília (DF):
padê editorial, 2019. (escrevivências, 41)

ISBN: 978-85-85346-51-5